

“UM AMIGUINHO DIFERENTE”: A REPRESENTAÇÃO DO AUTISTA NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

“A DIFFERENT LITTLE FRIEND”: THE REPRESENTATION OF THE AUTIST IN MONICA’S GANG COMICS

Renata Machado da Silva*

Universidade do Estado da Bahia

Sayonara Amaral de Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: A produção literária destinada a crianças revela-se um espaço fecundo para a projeção de representações sociais com as quais o público infantil vem a identificar-se. Diante dessa constatação, cabe indagar qual o lugar aí reservado à diversidade das representações identitárias, em especial aquelas de pessoas com deficiência, que reivindicam, legitimamente, visibilidade no campo das produções artístico-culturais. Partindo dessa indagação, o presente artigo tem por objetivo investigar um exemplar de história em quadrinhos da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, a fim de analisar o tratamento que a narrativa confere à criança com Transtorno do Espectro Autista. Publicado originalmente em 2002 e com distribuição assegurada até os dias atuais, o referido exemplar é intitulado *Turma da Mônica – um amiguinho diferente* e traz como destaque a personagem de um garoto autista, André. Ao examinar a constituição dessa personagem, constatou-se que a projeção da criança autista ainda se encontra revestida de estigmas, os quais se traduzem pelo seu limitado lugar de fala no corpo da narrativa. O aporte teórico utilizado advém dos estudos sobre representação promovido por Hall (2016); dos estudos sobre autismo realizado por Gaiato e Teixeira (2018); contemplando também as peculiaridades das narrativas em quadrinhos, com McCloud (1995).

Palavras-Chave: Autismo. História em quadrinhos. Representação. *Turma da Mônica*.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9407-1402>. E-mail: <natamachados@yahoo.com.br>.

** Doutora em Letras e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Uneb. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7387-0547>. E-mail: <sayo22@terra.com.br>.

Abstract: The literary production delivered to the children are an ideal context to produce social representations to child audience identify themselves. For this reason, it is an opportunity to question where the place to the diversity of the identitary representations, in special the ones from people with disability, that claim, legitimately, for more visibility in the field of artistic-cultural productions is. Based on this assumption, the objective of this article is to investigate one number of a Brazilian comic book called *Monica's Gang*, by Mauricio de Sousa, in order to analyze the approach that the narrative gives to the child with Autistic Spectrum Disorder. Originally published in 2002 and with guaranteed distribution up to the present day, the aforementioned issue is entitled *Monica's Gang - a different little friend* and highlights the character of an autistic boy called André. When examining the constitution of this character, we found that the autistic child projection is still lined with stigmas, which are translated by his limited place of speech in the narrative. The theoretical contribution came up from the studies about representation promoted by Hall (2016); studies about Autism carried out by Gaiato and Teixeira (2018); also contemplating the peculiarities of comic narratives in the perspective of McCloud (1995).

Keywords: Autism. Comics. Representation. *Monica's Gang*.

Considerações iniciais

Em novelas, séries de filmes, livros, curta-metragens, documentários e histórias em quadrinhos (HQs), o autismo é abordado a cada vez com maior ênfase, na atualidade, sendo recepcionado de forma positiva pelo público, conforme noticiam as mídias digitais. Talvez seja o reflexo de uma tomada de consciência da população sobre a importância de (re)construir a sociedade com vistas à inclusão social. No entanto, embora o conteúdo dessas produções seja desenvolvido com responsabilidade, segundo os seus autores ou realizadores, nunca é demais dedicar uma atenção mais minuciosa sobre o tratamento aí conferido aos autistas, uma vez que ainda predomina, sim, um olhar revestido de preconceito para com esses sujeitos, resultante de uma cultura excludente, disposta quase sempre a rejeitar aqueles que não correspondem ao ideal de sujeito belo, perfeito e produtivo.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), popularmente conhecido por autismo, define-se como um transtorno de desenvolvimento em que a criança apresenta alterações básicas de comportamento ou interação social, dificuldades na comunicação, por exemplo, na linguagem verbal e não verbal; alterações na cognição e presença de comportamentos repetitivos ou restritivos. O termo “espectro” refere-se a uma ampla variedade do autismo, por essa razão os aspectos acima citados podem ser classificados em diferentes níveis de complexidade – leve, moderado, severo. Conforme Gaiato e Teixeira (2018), pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Europa e Ásia, entre 1% e 2% de crianças e adolescentes são diagnosticados como autistas. Além disso, os autores afirmam que a ocorrência é mais acentuada no sexo masculino: cerca de quatro meninos são afetados para cada uma menina diagnosticada. No caso do Brasil, estima-se que perto de 6 milhões de crianças e adolescentes convivem com esse transtorno. Quanto às causas do autismo, Gaiato e Teixeira (2018) apontam que pesquisas científicas trazem a condição genética como principal fator responsável, mas também cogitam que fatores ambientais isolados e graves possam vir a participar na origem do autismo, a exemplo de doenças congênitas, medicamentos com alto potencial tóxico, prematuridade do parto ou baixo peso do bebê, entre outros fatores.

Pessoas com TEA também possuem aptidões que são por vezes desconhecidas do grande público. Consideradas as devidas diferenças entre os autistas, há casos em que os sujeitos executam mapas mentais, habilidosamente, sendo capazes de visualizar, rotacionar e deformar uma diversidade de figuras tridimensionais complexas, a partir de um grupo de dados não imagéticos. Nesses casos, em se tratando de mercado de trabalho, são adequadas profissões como a de arquiteto, *designer*, artista gráfico, especialista em tecnologia, entre outros exemplos. O bom desempenho também perpassa a área de lógica-matemática, quando os autistas demonstram ter grande capacidade de manipular números e padrões-lógicos, realizando cálculos de forma precisa e abstrata (ANTUNES, 2019). O interesse por regras e estruturas colabora, por exemplo, para o desenvolvimento de aptidão musical, o que torna possível ao autista reproduzir longas composições, ao tocar um instrumento, sem a necessidade de treinos prolongados. Infelizmente, a valorização dessas habilidades não acontece na mesma proporção em que elas são tidas como uma condição excêntrica, perdendo-se de vista a oportunidade de desmistificar certos estigmas impostos (LIN, 2021).

É possível que o público, em geral, tenha em conta a inclusão da pauta do autismo em produções artístico-culturais como uma atitude irrelevante, por ignorar a gravidade das representações reducionistas que afetam os sujeitos com esse transtorno. No interior da distinção hierárquica entre grupos hegemônicos e grupos subalternizados, coube aos primeiros serem os detentores das regras do jogo discursivo, enquanto os últimos tiveram as suas histórias silenciadas. Essa discriminação, no decorrer do tempo, resultou quase sempre em um único modo pelo qual se considerou o debate associado às pessoas autistas ou ao autismo; um debate que ficou limitado às conhecidas discussões sobre sintomas, diagnósticos, tratamentos – como se esses sujeitos não se constituíssem para além de certos traços comportamentais. Colocando de lado outras formas singulares de se conhecer e de se entender o TEA, tais discussões ainda se fazem presentes em pleno século XXI, incumbidas, em certa medida, de relacionar a imagem da pessoa autista a uma condição de vida desprovida de produtividade.

Nos termos de Ribeiro (2017, p. 47-48): “Como expressar-se não é um direito garantido a todos e todas, ainda há a necessidade de democratização das mídias e rompimento de um monopólio”. Em concordância com esse raciocínio, Dalcastagné (2012) afirma que, uma vez havendo um processo de democratização nos modos de oportunizar o acesso à voz, não mais as classes hegemônicas estarão à frente do controle do discurso, representando outros grupos sociais segundo interesses que não são os desses grupos. Portanto, longe de configurar uma pauta de pouca importância ou de se confundir apenas com um modismo, a maior presença dos autistas, hoje, nas produções artístico-culturais pode ser interpretada como um reflexo das transformações porque passam os valores e as ideologias sociais, em uma perspectiva histórica. Contemporaneamente, é notório que os movimentos sociopolíticos engajados nas causas pró-inclusão reivindicam maior espaço de representatividade e participação em obras que se refiram a sujeitos marginalizados, entendendo que tais obras venham a interferir positivamente na compreensão do público acerca das deficiências, transtornos e síndromes ou da vida dos sujeitos acometidos.

Em relação ao entendimento do público quanto ao significado do TEA, é preciso pontuar que a circulação de mais informações sobre o tema pode colaborar para uma melhor acolhida dos autistas nos espaços sociais. A considerar as experiências individuais das pessoas, parte

delas pode possuir algum grau de conhecimento sobre tipos de patologia, deficiência, síndrome ou transtornos mentais, enquanto outras simplesmente podem vir a ignorar completamente o assunto. Assim, conforme as produções artístico-culturais vão disseminando o conhecimento sobre sujeitos autistas, com a devida consideração aos seus “lugares de fala”, estaremos mais propícios a construir uma sociedade efetivamente inclusiva, capaz de prover estruturas que acolham, valorizem e reconheçam tais sujeitos em seus direitos.

A partir dessas considerações, neste artigo, pretendemos analisar como ocorre a representação do autismo em uma produção artístico-cultural da atualidade, tomando como *corpus* a história em quadrinhos *Turma da Mônica – um amiguinho diferente*, do prestigiado cartunista Mauricio de Sousa (2019). Para tanto, iniciaremos com um retrospecto sobre o modo pelo qual o sujeito com deficiência passou a ser compreendido mediante duas diferentes concepções – o Modelo Médico e o Modelo Social –, levando-se em consideração os argumentos de Diniz (2007). Em seguida, procederemos ao exame da constituição da personagem com TEA, de nome André, na referida HQ da *Turma da Mônica*. Como aporte teórico, adotaremos as reflexões de pensadores do campo dos estudos culturais, a exemplo de Stuart Hall e de Tomaz Tadeu da Silva, entre outros críticos da cultura, que nos ajudarão a refletir acerca do controle e da manutenção de poder incidentes sobre os processos de representação social, em especial quando se trata da representação de grupos sociais aos quais se impõe a condição de subalternos.

O sujeito com deficiência: do Modelo Médico ao Modelo Social

Durante muito tempo, a representação de grupos sociais minoritários, como os de pessoas com deficiências, esteve associada à invisibilidade, a qual se aliou a uma concepção reducionista, propagada pelas classes dominantes, que preconizava a valorização de corpos ditos perfeitos e produtivos, operando uma espécie de seleção social, cujos efeitos nocivos se estendem até os dias de hoje. Parte dessa concepção advém de certo modelo de abordagem empregado para o entendimento dos transtornos e das síndromes da pessoa com deficiência, o Modelo Médico da Deficiência, instituído por estudiosos da área da Saúde em torno do século XVIII.

Devemos reconhecer que, em sua época, o Modelo Médico trouxe um avanço significativo na compreensão da deficiência, por dissociá-la dos preceitos místicos do passado, os quais levavam a identificar a deficiência até mesmo como uma maldição. Contudo, ao valer-se da ferramenta do conhecimento científico para romper com tal credence, o Modelo Médico não conseguiu escapar de suas próprias limitações, quando trouxe a “patologia” para o primeiro plano das discussões e, assim, reservou à pessoa com deficiência, transtornos e síndromes um lugar secundário no convívio social. Ao passo em que esse Modelo buscava a “normalidade” dos corpos por meio dos tratamentos oferecidos, estabelecia uma vida limitada para esses grupos de pessoas, deixando-lhes poucas chances de desempenharem qualquer atividade com vistas à sua autonomia. Diante da hipervalorização dos diagnósticos e dos laudos médicos, foram desconsiderados aspectos de ordem social e afetiva acerca da questão da deficiência (BONFIM, 2009).

Com o avançar dos anos, novas concepções emergiram, almejando identificar na pessoa com deficiência um sujeito dotado de direitos, o qual desafia a sociedade a pensar a deficiência

não como uma patologia, mas como um estilo de vida. Segundo Diniz (2007), tal entendimento da deficiência se firmou a partir de um outro modelo de abordagem, o Modelo Social – disseminado no Reino Unido por volta dos anos de 1960. Conforme a estudiosa, “[...] o modelo social promoveu a compreensão da deficiência como uma expressão da diversidade humana, um argumento poderoso para desconstruir uma das formas mais brutais de opressão já instituídas” (DINIZ, 2007, p. 77). No intuito de distanciar-se de visões arraigadas no preconceito, pensar a pessoa com deficiência como sendo uma pessoa “capaz de” seria imprescindível para provocar transformações de ordem política, ética ou moral no âmbito da socialização. Dessa forma, o Modelo Social não somente apontava as barreiras discriminatórias, bem como buscava promover o realinhamento social que viesse possibilitar às pessoas com deficiência a equidade de oportunidades e, conseqüentemente, o controle sobre suas próprias vidas, mesmo considerando as limitações naturais de cada tipo de deficiência – física, intelectual, sensorial ou mental.

A reconstrução do sistema de valores e comportamentos é um caminho pelo qual se pode desvelar um processo de representação com fins na participação e na inclusão, diluindo concepções restritivas quanto ao lugar que deve ser ocupado por certos grupos na sociedade. O grupo das pessoas com TEA reivindica, há algum tempo, uma representação que se contraponha a qualquer forma estereotipada no que diz respeito ao modo como a população, em geral, possa vir a entender questões atreladas ao autismo. Desse ponto de vista, é necessário compreendermos que “[...] representar significa apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo” (MOSCOVICI, 2007, p. 213), para que possamos refletir sobre os modos de representação do autismo difundidos em produções artístico-culturais, a exemplo de uma revistinha em quadrinhos da famosa *Turma da Mônica*, como veremos a seguir.

Entre descobertas, confusões e amizade: como a Turma da Mônica lida com o autismo?

Turma da Mônica – um amiguinho diferente é uma revista em quadrinhos criada por Mauricio de Sousa (2019) em exemplar único, que conta com sucessivas reedições desde a época de sua primeira publicação, em 2002, até os dias de hoje. O gibi compõe uma série especial de revistinhas, cujas histórias enfocam personagens infantis com deficiência – Síndrome de Down, Distrofia Muscular de Duchenne, epilepsia, deficiência motora, auditiva e visual¹. A cada exemplar, as personagens principais da “Turma” (Mônica, Magali, Cebolinha e Cascão) passam a interagir com um novo amigo, uma criança com um tipo específico de deficiência. E no exemplar acima mencionado, o garotinho de nome André ganha vida para protagonizar o TEA.

É comum, na construção de uma narrativa literária, que o autor disponha de um modelo inspirador para a composição de suas personagens, apropriando-se de elementos ou situações da vida, tais como as experiências de pessoas reais. Esse foi o recurso empregado por Mauricio de Sousa na criação da personagem André. O projeto da HQ *Turma da Mônica – um amiguinho*

¹ Além de *Um amiguinho diferente*, integram esta série especial os gibis: *Turma da Mônica: Acessibilidade* (2004), *Turma da Mônica: Viva as diferenças* (2018), *Turma da Mônica: Distrofia Muscular de Duchenne* (2019) e *Turma da Mônica - o que está acontecendo* (2020).

diferente resultou de uma parceria entre o cartunista, a Universidade de Harvard (EUA) e a Associação de Amigos dos Autistas (AMA/SP), em meados de 2002. Em entrevista concedida ao *site* Veja Saúde, em 2019, Sousa relatou que a intenção, ao criar essa personagem, era evidenciar os sintomas do autismo e alertar familiares e educadores sobre o diagnóstico precoce (BERNARDO, 2019). Para tanto, utilizou-se de informações colhidas de pesquisas, visitou e dialogou com ambas as instituições envolvidas no projeto, com autistas e seus familiares.

Assim como as demais revistinhas que compõem a série especial dedicada à temática de pessoas com deficiências, a produção da HQ sobre o autismo se reveste de um claro propósito socioeducativo. Não por acaso, todos os gibis da série especial são produzidos e distribuídos gratuitamente² pelo Instituto Maurício de Sousa (IMS), instituição fundada em 1997, que não possui fins lucrativos e se qualifica como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. A atuação do Instituto ocorre por meio de campanhas e projetos voltados a temas como meio ambiente, direito da criança e do adolescente, cidadania e inclusão, entre outros. Conforme se lê no *site* do IMS, a sua missão consiste em estimular o “[...] respeito entre as diferenças e a formação de cidadãos conscientes [...]”, bem como o “[...] desenvolvimento humano, diminuição dos níveis de exclusão e desigualdade social [...]” (IMS, 2021, n.p.).

Veiculada junto à proposta de cunho social do Instituto, uma história em quadrinhos cujo tema central é o autismo pode se constituir, portanto, em um espaço fecundo para a projeção de um grupo social minoritário, com o qual o público infantil venha a se identificar. Acrescenta-se, aqui, o fato de que a coleção de revistinhas da *Turma da Mônica* é presença assegurada na cultura infantojuvenil brasileira, há mais de 50 anos, com força de penetração tanto no ambiente familiar, para fins de entretenimento e lazer, quanto no universo escolar, servindo como material de apoio didático. Sem perder de vista a expressiva circulação da obra de Mauricio de Sousa no mercado editorial do país, cabe indagar, por conseguinte, como a pauta do autismo se insere em meio às aventuras de “faz de conta” vividas pela “Turma” nessa HQ especial e quais os desdobramentos que tal inserção pode suscitar em proveito da causa social de pessoas com deficiência, do modo como a causa é compreendida e defendida na atualidade.

A narrativa quadrinizada de *Turma da Mônica – um amiguinho diferente* conduz o leitor por um universo lúdico, no fictício Bairro do Limoeiro, no qual a criançada vivencia situações adversas diante da oportunidade de interagir com uma criança com TEA, o garotinho André. Considerando a intenção da referida revistinha em promover a inclusão social, é possível procurar as pistas que levem à constituição da personagem André como criança autista, ou seja, pistas que ajudem a compreender a representação do autismo na narrativa. Nessa procura, devemos ter em conta que, como afirma Tomaz Tadeu da Silva, em seu livro *Identidade e Diferença*:

A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder. (SILVA, 2014, p. 91).

² Entre as instituições que solicitam e recebem de forma gratuita os exemplares dessa série especial, estão: escolas da rede particular e pública, Organizações Não Governamentais de apoio às pessoas com deficiência, órgãos do governo brasileiro relacionados à causa da inclusão e proteção social da criança, dentre outras.

Em nossa cultura, o processo da representação sempre esteve atrelado ao controle das classes dominantes, em prejuízo daqueles sujeitos que, uma vez subalternizados, tornam-se o alvo do exercício de tal controle. Na medida em que é possível deter o poder sobre a representação identitária de alguém ou de um grupo, conseqüentemente, a imagem desse grupo se faz refém do sistema de representação que o envolve. O cerne da questão está no discurso, tal como este é definido na teoria de Michel Foucault, conforme esclarece Stuart Hall:

O discurso, argumenta Foucault, constrói o assunto. Ele define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e também influencia como ideias são postas em prática e usadas para regular a conduta dos outros. Assim como o discurso “rege” certas formas de falar sobre um assunto, definindo um modo de falar, escrever ou se dirigir a esse tema de forma aceitável e inteligível, então, também, por definição ele “exclui”, limita e restringe outros modos. (HALL, 2016, p. 80).

Ao fazer essa colocação, Hall (2016) assinala que o conceito foucaultiano de discurso não se restringe a uma concepção puramente linguística. Compreendemos que o discurso é constituído da associação entre linguagem e prática, superando aquela tradicional distinção entre o que a linguagem diz e o que a prática faz. Conjugando linguagem e ação, o discurso “é sempre marca ou traço visível, exterior” (SILVA, 2014, p. 91) de escolhas feitas para se abjurar ou aceder, incluir ou banir alguém. É esse entendimento da relação entre discurso, poder e representação que se mostra fundamental para ampararmos a análise da constituição da personagem autista na referida HQ da *Turma da Mônica*.

De início, o subtítulo da revistinha – “Um amiguinho diferente” – não indica tratar-se de uma personagem com TEA, mas já lança a expectativa de se estar diante de uma criança cuja aparência ou comportamento a distinguem dos demais garotos da “Turma”. É no adentrar o enredo, em meio às cenas de brincadeiras, que se encontram informações e exemplificações práticas no sentido de caracterizar os sintomas do autismo. André, cuja aparência sugere ter aproximadamente 7 anos de idade, é irmão de Lucila, amiga de Mônica e de Magali, e se comporta de modo introspectivo, esboçando ser uma criança de poucos diálogos, o que logo desperta olhares curiosos dos demais. Em uma reação de acolhimento, as amigas sugerem brincar de “casinha”, destinando a André o papel de filho – um papel emblemático, que já nos permite vislumbrar, de antemão, o sentido de fragilidade e dependência que a narrativa irá imprimir ao comportamento “autista” de André. Juntos, acomodam-se no gramado com seus brinquedos. No entanto, logo são surpreendidos pelas presenças de Cebolinha e de Cascão, que decidem “capturar” André, promovendo muita confusão e, como sempre, despertando a ira de Mônica.

A narrativa quadrinizada enfoca três situações em torno do autismo, sendo elas: a opinião do senso comum, os sintomas do TEA e a dimensão da interação social. O ponto de partida da história acontece quando as personagens Mônica e Magali procuram por Lucila para brincar. Nesse momento ocorre a aparição de André frente ao grupo de amigas, evidenciando-se aí a primeira característica do autismo: o “déficit persistente na comunicação” (GAIATO; TEIXEIRA, 2018, p. 14). Em virtude da aparente indiferença de André diante das garotas (Figura 1), a narrativa explora a reação de confusão da personagem Magali (Figura 2). Para tanto, em uma sequência de seis quadrinhos, pode-se notar, por meio dos recursos gráficos, o semblante de espanto, a

mão tensionada, o código de chuviscos sobre a sua cabeça, indicando aflição, e o acréscimo das falas e dos pensamentos que ela dirige a André – “mal-educado, né; como você pode fazer uma desfeita dessa; escuta aqui, ô...ô...ô...”.

Figura 1 - Apresentação de André



Fonte: Extraída de Sousa (2019, p. 3).

Figura 2 - A reação de confusão de Magali



Fonte: Extraída de Sousa (2019, p. 3-4).

A condução dessas primeiras cenas leva-nos à reflexão sobre os seus possíveis efeitos negativos junto ao público leitor, no tocante ao entendimento do que vem a ser o autismo na infância. Conforme a perspectiva de João Batista Cintra Ribas, em seu livro *O que são pessoas deficientes*, “[...] escrever sobre pessoas deficientes³ é muito mais difícil e complexo do que poderia parecer. Um dos problemas sérios reside no fato de que qualquer ‘noção’ ou ‘definição’ de deficiência implica uma imagem que nós fazemos das pessoas deficientes” (RIBAS, 2003, p. 7). Nas cenas das Figuras 1 e 2, a imagem de uma criança “mal-educada”, atribuída a André a partir do pensamento de Magali, reflete, sem dúvida, o modo como um sujeito que apresenta certa limitação em seu processo comunicativo é desprezado no contexto social. A reação inicial de Magali revela que o estereótipo associado negativamente à identidade de uma pessoa se traduz em pré-julgamentos baseados na superficialidade das informações, e quando tais pré-julgamentos são compartilhados como verdades absolutas, tem-se aí o risco da fixação de rótulos.

Podemos supor que as cenas em questão foram criadas com a intenção de apresentar ao leitor o senso comum sobre autismo e as associações costumeiramente realizadas no imaginário

³ Vale assinalarmos que a expressão *pessoas deficientes* encontra-se há alguns anos em desuso. A expressão é agora substituída por *Pessoas com Deficiência*, tendo como sigla oficial PcD, para abreviações, e devendo ser aplicada em toda e qualquer língua por pessoas física e jurídica, de forma oral ou escrita. Essa recomendação parte dos Movimentos Mundiais das Pessoas com Deficiência (SASSAKI, 2006).

infantil acerca do comportamento introspectivo das pessoas. Na composição da história, a ideia, aqui, seria trazer de início o senso comum para logo depois refutá-lo, mediante as explicações dadas nos quadrinhos que se seguirão. A pergunta que fazemos é: Seria essa a melhor estratégia? Iniciar a narrativa concedendo tamanha atenção à reação equivocada do senso comum não seria uma maneira de reforçar o que se visa combater? A esta altura, é possível cogitarmos que tais cenas, pelo lugar privilegiado que ocupam já na abertura da revistinha, podem contribuir, em certa medida, para a disseminação do preconceito quanto ao modo de ser das crianças autistas. Em termos de discurso, a reação intolerante da personagem Magali é uma interpretação de risco, que pode levar a identificar no sujeito autista alguém desprovido de qualquer traquejo social e, talvez, até inapto para a convivência em sociedade.

André: fora da história, fora da vida

Nos outros quadrinhos que dão continuidade ao enredo, André é apresentado mais formalmente por Lucila, sua irmã, como uma criança autista, sendo definido do seguinte modo: “Autistas são crianças especiais! Elas são diferentes das outras! Mas não na aparência!” (SOUSA, 2019, p. 5). O autista apresenta necessidades específicas, próprias do transtorno, mas tal condição não faz da criança autista um “sujeito especial”, mas, sim, um “sujeito de direito”, conforme regem as políticas públicas brasileiras. Ao se enfatizar que o autismo “não está na aparência”, gera-se não somente uma explicação imprecisa sobre o TEA, bem como se sugere uma visão desfavorável acerca das diferenças que se fazem notar na aparência do indivíduo, a exemplo das deficiências físicas e até mesmo das diferenças identitárias raciais – como se tais diferenças fossem mais “graves”. Exaltar que a diferença do autista não reside no plano da aparência é tentar usar de um eufemismo, com o intuito de “suavizar” a complexidade do TEA, o que acaba resvalando em outras formas de discriminação e exclusão.

As informações apresentadas em seguida, na narrativa, voltam-se aos sintomas do autismo, destacando-se os déficits na ação comunicativa, na convivência social e no potencial imaginativo. Tais sintomas são descritos por meio da técnica de legenda falada, comumente usada nos quadrinhos e caracterizada por trazer a fala vocalizada de uma personagem que está fora do quadro, colocando-se tal fala entre aspas (BLAMBOT, 2021). No caso em questão, trata-se da voz de Lucila, que dá continuidade à explicação sobre a definição do TEA, como se pode notar na Figura 3 a seguir.

Figura 3 - Características do TEA



Fonte: Extraída de Sousa (2019, p. 6).

Na explicação dada na terceira pessoa do discurso, configura-se um distanciamento dessa voz narrativa em relação ao garotinho autista, André. Sobre esse distanciamento, podemos destacar dois aspectos. Em primeiro lugar, o conteúdo expresso nas falas do narrador não se inclui na trama ou em acontecimentos que se desenrolem na história. Essas falas funcionam, portanto, como parênteses que pairam acima de cenas meramente ilustrativas, apresentando um discurso dividido em tópicos, com caráter de “manual”, no qual se assume uma postura pedagogizante e enriquecida sobre o comportamento da criança com TEA. Aqui, perde-se a oportunidade de dar à pauta do autismo um tratamento lúdico, poético, sem a necessidade de se aproximar do enquadramento objetivo e incisivo dos sintomas, o que é típico dos laudos clínicos. Esse tipo de abordagem nos permite reconhecer a larga influência que o Modelo Médico da Deficiência ainda exerce sobre os discursos, nos dias de hoje.

Em segundo lugar, a presença de um narrador distanciado para “explicar” o autismo situa André, a personagem autista, em um lugar desprovido de qualquer poder de discurso sobre si. Conforme adverte Ribeiro (2017, p. 64), ao definir o significado que a expressão “lugar de fala” possui nas lutas identitárias, para as lutas de grupos subalternizados, “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. Nos quadrinhos anteriores, vê-se que, em vez de dar a chance ao garoto autista de se expressar no desenrolar da história, inserindo-o em uma trama na qual ele se fizesse conhecer por si mesmo, a opção foi retirar-lhe a autonomia do discurso, o que, sem dúvida, compromete a condição de sua própria existência, do seu modo de

ser, no enredo. Em vez de comparecer à narrativa como um sujeito que fala, André “é falado” por outrem – o narrador, cujo discurso, por sua vez, atém-se à sintomatologia do autismo.

Outro ponto a observar é que as descrições nas legendas que tratam dos sintomas do autismo não consideram os graus de complexidade do TEA. Nem mesmo em outros trechos da história quadrinizada faz-se qualquer referência a esse aspecto fundamental. Os autistas não são todos iguais, o que leva o “[...] transtorno a ser classificado em três níveis de gravidade – leve, moderado e severo” (SAVALI; DIAS, 2018, p. 18), havendo casos de autistas que interagem socialmente, ainda que dentro do seu quadro de interesses, e realizam atividades como estudo e trabalho, por exemplo. Contrariamente ao reconhecimento dessas nuances, a identidade da personagem André parece ter sido esculpida a partir da perspectiva de um autista “genérico”, desprovido de quaisquer outras características que permitam identificá-lo enquanto sujeito único, singular. Essa generalização é um risco no que diz respeito à estigmatização, uma vez que, tendo as histórias em quadrinhos o poder de transmitir informações e/ou produzir respostas no espectador (MCCLLOUD, 1995), certamente o público leitor dessa HQ da *Turma da Mônica* pode vir a acreditar que todos os autistas estão reduzidos a um quadro extremo do autismo, como parece ser o caso da personagem André.

Na revistinha em estudo, passando pela reação do senso comum, com o incômodo manifestado por Magali, e pela breve explanação dos sintomas do autismo na fala do narrador, o terceiro bloco da história tem a intenção de enfatizar o acolhimento da turma em relação à personagem André. À medida que o enredo se desenvolve, é utilizada uma combinação de linguagem corporal e espacial para explicar como se dá a relação interpessoal da personagem autista em meio à turma. Do início ao fim da história, André está posicionado entre os colegas, o que sugere uma perspectiva de inclusão no grupo. Entretanto, um detalhe desperta a atenção: André não participa ativamente do enredo. Em certas cenas, os demais amigos da turma conversam, brincam entre si, e a André se destina uma função de mero figurante. A sua presença se restringe explicitamente ao “isolamento autista” (KANNER, 1955, *apud* TAFURI, 2002, p. 128), ora com um olhar distante, ora quando se mostra inerte às atividades dos outros no seu entorno, conforme podemos ver na Figura 4 a seguir.

Figura 4 - As brincadeiras da turma



Fonte: Extraída de Sousa (2019, p. 7, 10).

Em outras cenas, que não estas acima ilustradas, o comportamento introspectivo de André, intensamente destacado na narrativa, desperta comentários de Cebolinha e Cascão, que chegam a compará-lo a uma personagem surda já conhecida na *Turma da Mônica*: Humberto. Além disso, nessa revistinha sobre autismo, quando o silêncio de André é “quebrado”, isso somente acontece para que a personagem se expresse por meio da ecolalia – um fenômeno linguístico no qual o sujeito repete palavras e sons de forma descontextualizada. A ecolalia pode ser um sintoma de vários distúrbios, mas é mais comum no autismo (NEUROSABER, 2019).

Diante dessas circunstâncias, revela-se insatisfatória a tentativa da revistinha de representar uma criança autista de forma espontânea ou “natural”, em meio à convivência social, considerando características “típicas” do autismo, bem como a aceitação dos amigos sem preconceitos. O problema está em descartar qualquer possibilidade de André contribuir efetivamente para as brincadeiras, conversas e/ou demonstrar ao grupo ser alguém “capaz de”, como todo e qualquer ser humano em desenvolvimento. Na revistinha, não há um enredo que de fato contemple a personagem do garotinho autista, isto é, o garotinho está fora da história, assim como tantas pessoas com deficiências foram e ainda são postas para fora da história ou da vida social. Trata-se de uma constatação lamentável para uma publicação que afirma almejar justamente a inclusão dos indivíduos autistas que André vem representar.

Haja vista o modo como se configura o autista nessa HQ da *Turma da Mônica*, vamos ao encontro do “problema da representatividade” na literatura, levantado por Regina Dalcastagné. A autora observa que o termo “representação”, crucial no campo dos estudos literários, “[...] agora é lido com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 18). Não se trata apenas de conceber que o texto literário fornece determinadas representações da realidade, atribuindo-lhe sentidos. Trata-se, sobretudo, de indagar se tais representações são de fato representativas do conjunto das perspectivas e das expectativas sociais do seu tempo.

Consideramos que a revistinha criada por Mauricio de Sousa para apresentar ao público a temática do autismo está muito aquém das demandas e das expectativas mobilizadas por movimentos sociais contemporâneos, engajados nas causas pró-inclusão das deficiências. Acerca do autismo, por exemplo, tais movimentos ensinam que este pode, sim, constituir em certa medida um indivíduo, mas nunca irá defini-lo exclusivamente enquanto sujeito. Em vez de enfatizar sintomas como introspecção, apatia e comportamento repetitivo, deve-se considerar também as habilidades cognitivas – lógico-matemática, linguística, pictórica, musical –, uma vez que, no TEA, limitações são intercaladas por aptidões (LIN, 2021). A pouca divulgação de tais habilidades dos autistas em produções artístico-culturais contribui para o desconhecimento das suas potencialidades, favorecendo a manutenção dos rótulos de pessoas incapazes e socialmente inexpressivas – estigmas dos quais o discurso da revistinha de Mauricio de Sousa não consegue escapar, a despeito de suas melhores intenções.

Considerações finais

Em linhas gerais, *Turma da Mônica – um amiguinho diferente* não somente descreve os sintomas do autismo, como também se propõe a discutir a importância da inclusão social de crianças com TEA. Destacamos falas de respeito às diferenças por parte dos amigos, na cena da

brincadeira, e, também palavras de apoio suscitadas pelo núcleo familiar de André. Contudo, é evidente que a revistinha apresenta uma visão generalizante no que tange ao comportamento da criança autista, assim como oferta um espaço demasiadamente restrito à personagem do Garotinho André, representativa de um grupo social para o qual se faz urgente uma maior visibilidade no contexto social e cultural, em perspectiva de inclusão. De modo geral, por meio dessa história quadrinizada, é perceptível que a imagem da criança autista encontra-se revestida de tabus e estigmas, sendo equivocadamente associada à figura de indivíduos deseducados ou, no mínimo, “esquisitos”. E quando a narrativa busca corrigir essa visão depreciativa, a sua tentativa é falha, haja vista que, obedecendo aos paradigmas do Modelo Médico da Deficiência, o TEA é abordado por um único ângulo, na lógica exclusiva dos sintomas, sem que sejam consideradas as suas nuances e diferentes níveis de complexidade.

Tal constatação, resultante da investigação que aqui realizamos sobre a HQ em questão, pode contribuir para que sejam revisadas certas concepções elaboradas e já sedimentadas acerca do autista e do TEA. Nessa atitude revisionista e questionadora, é fundamental admitir que, por muito tempo, fomos influenciados, nas mais variadas mídias, com a difusão de figuras humanas valorizadas por sua beleza, saúde e perfeição. E assim talvez tenhamos aprendido, erroneamente, que não haveria razão para incluir e legitimar aqueles que escapassem aos padrões, como, neste caso, os sujeitos autistas, entre todos os demais sujeitos que são identificados por algum tipo de deficiência.

Embora a revistinha de Mauricio de Sousa apresente as limitações apontadas ao longo deste artigo, nada impede que reconheçamos a sua possível colaboração para a causa do autismo, considerando, sobretudo, que a *Turma da Mônica* é uma marca por demais conhecida e bem-sucedida no mercado editorial, capaz de mobilizar um imenso público leitor. Assim como outras produções artístico-culturais que proliferam na atualidade e informam sobre o tema, a revistinha em questão, ainda que suscite ressalvas, pode cooperar, em certa medida, com a formação de gerações de leitores mais sensíveis às questões sociais, a exemplo da necessária inclusão da pessoa com deficiência. Com o aumento de produções que enfocam ou que apenas tangenciam esse tema, sobretudo aquelas destinadas ao público infantil, é possível vislumbrarmos alguma parcela de contribuição no sentido de desalojar preconceitos acerca do sujeito autista ou dos sujeitos com deficiência em geral, pela valorização, mínima que seja, da visibilidade reivindicada por esses grupos minoritários.

Reconhecendo que, longe do ideal, tais grupos nem sempre vão exercer o poder de falar em seu próprio nome, isto é, nem sempre vão deter o controle dos discursos sobre si ou sobre a sua representação identitária, queremos acreditar que novas brechas podem se abrir rumo à flexibilização necessária para o diálogo e acolhimento de suas demandas e também de suas presenças, com vistas a uma sociedade mais justa. No mais, cabe finalizar registrando que, ao menos no segmento adulto, o mercado editorial, tanto nacional quanto estrangeiro, tem munição suas prateleiras com uma literatura produzida por escritores autistas,⁴ os quais se dedicam a mostrar que a subjetividade do autismo está para muito além da alienação e da indiferença

⁴ No Brasil, para ficar apenas com dois exemplos, podemos mencionar Rodrigo Tramonte, que escreveu *Humor azul - o lado engraçado do autismo*, e Cristiano Camargo, autor de *Autista com muito orgulho – a síndrome vista do lado de dentro*, publicados em 2015 e 2012, respectivamente.

em que a *Turma da Mônica* aprisionou a representação de André. Entretanto, isso já é matéria para outra discussão.

Referências

ANTUNES, R. Quer que eu desenhe? Um retrato da Síndrome de Asperger. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

BERNARDO, A. Os personagens especiais da Turma da Mônica. *Veja Saúde*, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/saude-e-pop/os-personagens-especiais-da-turma-da-monica/>. Acesso em: 13 out. 2021.

BLAMBOT. *Comic Book Grammar & Tradition*. 2021. Blambot, 2021. Disponível em: <https://blambot.com/pages/comic-book-grammar-tradition>. Acesso em: 12 out. 2021.

BONFIM, S. M. M. A luta por reconhecimento das pessoas com deficiência: Aspectos teóricos, históricos e legislativos. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CAMARGO, C. *Autista com muito orgulho: a síndrome vista pelo lado de dentro!* Rio de Janeiro: Verve, 2012.

DALCASTAGNÉ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DINIZ, D. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GAIATO, M.; TEIXEIRA, G. *O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis*. São Paulo: nVersos, 2018.

HALL, S. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, Apicuri, 2016.

IMS. Instituto Mauricio de Sousa. *Sobre o instituto*. 2021. Disponível em: <http://www.institutomauriciodesousa.org.br/sobre-o-instituto-mauricio-de-sousa>. Acesso em: 13 out. 2021.

LIN, J. *Talentos e aptidões: um olhar sobre o autismo*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 1995.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NEUROSABER. *A ecolalia em crianças com transtorno do espectro autista*. 2019. Disponível em: https://institutoneurosaber.com.br/a-ecolalia-em-criancas-comtranstornodoespectroautista/?gclid=Cj0KCQjwwYLBhD6ARIsACvT72N1D6zc5k6NGaTjY6ccDsQn53tq9frhrmj2NpCxJAXYW_iiKu3jILkaAhSGEALw_wcB. Acesso em: 13 out. 2021.

RIBAS, J. B. C. O que são pessoas deficientes. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SAVALI, A. C. R.; DIAS, M. (org.). Transtorno do Espectro Autista: do conceito ao processo terapêutico. São José: FCEE, 2018.

SILVA, T. T. da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUSA, M. de. Turma da Mônica: um amiguinho diferente. São Paulo: Ed. Mauricio de Sousa, 2019.

TAFURI, M. I. A capacidade do bebê para estar só e o isolamento autista. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 124 -137, maio/ago. 2002.

TRAMONTE, Rodrigo. Humor azul: o lado engraçado do autismo. Florianópolis: Editora do Autor, 2015.